

Transvi@dos: Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos

José Veranildo Lopes da Costa Junior¹

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

Antonio Carlos Batista da Silva Neto²

Universidade Estadual da Paraíba

Submetido em 21 de agosto de 2018.

Aprovado em 15 de janeiro de 2019.

Discutir gênero é transitar por um conjunto de teorias e de concepções e explicações sobre o que é ser masculino e feminino. Eu tenho uma filiação teórica que é vinculada aos estudos *queer*, que fala que o gênero, a masculinidade e a feminilidade não têm nada a ver com a estrutura biológica. Portanto, não tem nada a ver com a presença ou com a ausência de determinadas genitálias, determinadas características sexuais secundárias. (BENTO, 2017, p. 107).

Berenice Bento é Professora de Sociologia na Universidade de Brasília e pesquisadora do CNPq. cursou Doutorado em Sociologia na UnB com estágio na Universidade de Barcelona, na Espanha. Desenvolveu, além do mais, estágio de pós-doutoramento nos Estados Unidos. Esta pesquisadora brasileira é reconhecida pela sua produção bibliográfica na área de gênero e sexualidade, sendo considerada a arquiteta de uma ‘sociologia das abjeções’ (BENTO, 2017), que aproxima a própria sociologia da antropologia, dialogando com outras áreas do saber, como os direitos humanos e a política.

Bento não é apenas pesquisadora. Parte da sua sociologia é resultado da sua vivência e militância nas ruas, buscando compreender a complexidade que envolve a sexualidade humana. Em 2013, quando lecionava na Universidade Federal do Rio

¹ Doutorando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. E-mail: jveranildo@hotmail.com

² Graduado em Letras - Língua Espanhola pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. E-mail: netoantoniocarlos@outlook.com

Grande do Norte, Berenice organizou o I Seminário Internacional Desfazendo Gênero, que se caracteriza por trazer para a academia a discussão sobre os grupos minoritários, notadamente no que envolve as questões de gênero e sexualidade. Em reconhecimento ao ativismo e à produção bibliográfica de Berenice Bento, ainda em 2013, a pesquisadora foi agraciada com o Prêmio Nacional dos Direitos Humanos.

Em 2017, Berenice Bento lançou com o selo da Editora da Universidade Federal da Bahia o livro *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*, com apresentação assinada pelo Professor Leandro Colling, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da UFBA e prefácio de Sonia Corrêa, atual Co-coordenadora do Observatório de Sexualidade e Política.

Transviad@s (2017) reúne uma série de textos agrupados em seis gêneros textuais: i) Comunicações; ii) Entrevistas, iii) Artigos de Opinião; iv) Ensaios; v) Apresentação de Livros e vi) Resenhas. Estes textos não são inéditos, mas resultam das pesquisas empreendidas por Bento nos últimos anos. A professora Berenice parece compreender que a sociologia e a antropologia não podem ser lidas como ciências puras e acabadas, mas sim como áreas do conhecimento que se desenvolvem a partir da construção diária do pensamento e da reflexão. Por isto, este livro apresenta uma síntese da construção das ideias críticas de Berenice Bento acerca da sexualidade humana a partir de suas vivências e observações nesses últimos anos.

Embora Bento se dedique com mais ênfase aos estudos sobre transexualidade, *Transviad@s* (2017) apresenta uma heterogeneidade de discussões, tais como acerca das teorias clássicas da sociologia, as intersecções entre classe, raça e gênero, o feminismo, a transexualidade, a homofobia, a patologização do gênero, além de reflexões sobre Estado, gênero e sexualidade, focalizando o seu olhar para lugares como o Brasil, o Equador e a Palestina.

Uma das ideias mais pertinentes para compreender o pensamento de Berenice Bento apresentado neste livro é, certamente, o que remete a uma ‘sociologia das abjeções’ (2017), em que a autora compara dois sistemas de pensamento: a sociologia contemporânea e a sociologia clássica. Recordando das dificuldades da escrita de sua pesquisa de mestrado e do silêncio da sociologia em torno das masculinidades brasileiras, Bento define a abjeção com as seguintes palavras: “podemos pensá-la como um conjunto de práticas reativas, hegemonicamente legitimadas, que retira do sujeito qualquer nível de inteligibilidade humana” (BENTO, 2017, p. 50). Deste modo, a linha

teórica desta pesquisadora objetiva interpretar a complexidade dos sujeitos que se encontram na penumbra da sociedade e às margens do conhecimento produzido pela academia tradicional.

Outro ponto importante no pensamento de Berenice Bento pode ser sintetizado a partir da citação que abre esta resenha. Filiada aos estudos *queer*, a autora se debruça sobre as concepções do ser masculino e do ser feminino em sociedades marcadas por conceitos sexistas e patriarcais. Nesse sentido, Bento (2017, p. 109) afirma:

Quando você nasce, já existe um conjunto de expectativas para um corpo que está na barriga da mulher, inclusive a grande expectativa em torno do sexo. Você vê aquelas máquinas passando lá (ultrassom) e os médicos dizem coisas como ‘é uma bebê’. No momento em que o médico diz as ‘palavras mágicas’, é como se tivesse o dom de criar a criança. Aquela frase ‘parabéns, mamãe, você vai ter uma menina’, ‘parabéns, mamãe, você vai ter um menino’, desencadeia um conjunto de expectativas materializadas em cores e brinquedos. Quando essa criança nasce, ela não é um corpo, uma natureza, um conjunto de células, mas sim um corpo generificado, cirurgiado no sentido de que já há uma cultura de expectativas por aquele corpo; ele não está livre dos imperativos.

Para Bento, gênero é muito mais do que a genitália que carregamos em nosso corpo. Embora a sociedade tradicional dite e molde o que se espera do comportamento de homens e mulheres, gênero diz respeito a uma categoria construída socialmente. A sociologia de Bento, portanto, é contrária a uma perspectiva de gênero enquanto sexo biológico, pois compreende gênero a partir do modo pelo qual os sujeitos se relacionam e interagem com o mundo em que vivemos.

Para concluir a nossa leitura da obra de Berenice Bento, caberia recordar que o termo *Transviad@s* surge a partir de um incômodo da pesquisadora após a sua defesa de doutoramento. Bento (2017) conta que a sua tese de Doutorado foi carimbada com o termo *queer*. Para ela, o referido termo tinha um peso lexical que significava um estrangeirismo. A autora sustenta: “se eu falo transviado, viado, sapatão, traveco, bicha, boiola, eu consigo fazer que meu discurso tenha algum nível de inteligibilidade local. O próprio nome [*quer*] do campo já introduz algo de um pensamento colonizado que não me agrada de jeito nenhum.” (BENTO, 2017, p. 131 *grifo nosso*).

Nesse sentido, gostaríamos de indicar a leitura do livro *Transviad@s* não apenas aos pesquisadores, professores ou acadêmicos, mas a um público mais amplo que se interesse pela discussão sobre gênero e sexualidade, podendo estar presente em outros espaços institucionais, como a escola, por exemplo, onde esse tipo de discussão ainda

sofre resistência dos setores conservadores. E assim, acreditamos que o didatismo e a seriedade da pesquisa de Berenice Bento são capazes de vencer o discurso de ódio, a homofobia, o preconceito, o machismo e tudo o que nos distancia do diferente.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.